

8tracks de separação: redes sociais interligando pessoas pelo mundo através da música

Deborah Cattani Gerson

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs)
deborahcattani@gmail.com

O espaço e o tempo podem ser reconstruídos e desconstruídos através da navegação não-linear das redes sociais de música. Criar playlists que representam rupturas de estilos, mixando anos 1980 com dias atuais, ou estilos que, de acordo com a teoria e a crítica, não se conversam, faz parte de um novo cotidiano. O compartilhamento também é ressignificado, pois a interação por meio da música pode formar novas amizades. O estudo, que aqui se propõe, visa analisar o funcionamento de dois sites de música onde a rede social está em primeiro plano e as canções em segundo: Last.fm e 8track.com. O groove ultrapassou as fronteiras auditivas e gera algoritmos que aproximam pessoas com gostos em comum. Mas como isso acontece e como funcionam estas páginas da web? Como um estilo musical se tornou pré-requisito na decisão de aceitar ou não um novo amigo? A pesquisa é netnográfica e se dá dentro da plataforma que estuda, inclusive por observação participante, afinal, navegar é preciso.

Palavras-chave 8tracks, Last.fm, redes sociais, música, playlists.

Space and time reconstruction and deconstruction is possible through non-linear navigation of music social networking. Creating playlists that represent disruptions of styles, mixing music from the 1980s to current production, as well as genres that, according to theory and critics, do not dialogue, is part of a new routine. Sharing might also be reframed, as the interaction through music can form new friendships. This study aims to analyze the operation of two music sites (Last.fm and 8track.com) where social networking is in the foreground while the songs are in the background. Groove exceeded the auditory boundaries generating algorithms that approximate people with common tastes. How does this happen? How do these web pages work? How could musical style be pre-requisite in the decision of accepting or rejecting new friends? This netnographic research occurs within the studied platform by participant observation.

Keywords 8tracks, Last.fm, social networking, music, playlists.

Em uma cena do livro *The perks of being a wallflower*, que nas décadas de 1980 e 1990 era corriqueira, o personagem Charlie passa seu tempo escutando rádio com atenção para gravar suas canções preferidas em fitas caseiras (CHBOSKY, 2012). A ideia era criar suas próprias playlists, listas com músicas aleatórias, ou não, usando algum tema para ligar e conectar composições completamente distintas. O cenário pode até ser do século passado, mas a atitude ainda é bastante atual. A principal diferença é que a Internet aproximou fãs e facilitou o processo de garimpo.

Ou seja, a não-linearidade não é novidade na forma que as pessoas se apropriam da música, isso é global. No entanto, o uso de redes sociais exclusivamente para compartilhamento de sons rompeu o último nó que delimitava ainda o espaço e o tempo dentro desta cultura. A possibilidade de mixar músicas antigas e novas, de momentos da história humana, que antes não poderiam ser conectadas, mudou a forma de navegar entre estilos e bandas.

O próprio compartilhamento é ressignificado, pois a interação durante o percurso resultará em novas amizades e em estatísticas que mudarão a forma de ouvir, de buscar, de ser e estar dentro da rede. Como traz Maffesoli (2006, p. 23) “podemos imaginar [...] que, tal como em outras tradições culturais, possa haver impermanência e mesmo assim continuidade, impermanência de uma forma e continuidade da vida. A metamorfose é isso, ou seja, o fim de um mundo que não é o fim do mundo”.

A playlist ganhou status de arte. Passou a ter valor, tanto em termos simbólicos, como também econômicos. Não é a toa que os programas, sites e aplicativos começaram a utilizar os algoritmos para se promover, estimulando a compra de pacotes de serviços, onde o ouvinte recebe dicas baseadas naquilo que consome.¹ E assim, “[...] o público se aperce-

¹ A Bloomberg TV fez um review sobre os sites que oferecem o serviço de playlist. Disponível em: <http://www.bloomberg.com/video/8tracks-playlists-with-a-purpose-0jPMuk6_Ql-HM5rjsaFW4Q.html>. Acesso em: 29 jul. 2014.

be de um conjunto, de um domínio cujos elementos não são separáveis” (CAUQUELIN, 2005, p. 14), ou seja, o status de arte se tornou tão ambíguo quanto o seu valor. E dentro dessa rede vale tudo, pois se pode tanto curtir e compartilhar, quanto avaliar negativamente, e, aqui, a negatividade serve para criar novos caminhos, e não necessariamente apenas reprimir.

A prática do rádio se transforma. Agora, cada pessoa cria sua própria estação, além de ter um número ínfimo de opções disponíveis para exploração no dinamismo da web. O 8tracks² e o Last.fm³ são excelentes exemplos da nova organização que se impõe sobre a cultura do mp3.⁴ Ao mesmo tempo que o objetivo é inovar, há um semblante saudosista, que relembra as *mixtapes*. Como diz na página do 8tracks:

8tracks acredita que programas musicais com listas feitas à mão superam os que se utilizam de algoritmos. Lembre-se do rádio nos anos 1970, *mixtapes* nos anos 1980, e a cultura do DJ nos anos 1990 até os dias de hoje. DJs compartilham seus talentos através do gosto pessoal, expondo novos artistas. Ouvintes ganham uma forma única e global de compartilhar e programar estações de rádio – há tempos um dos meios mais confiáveis de descobertas musicais (8TRACKS, 2014, tradução nossa).⁵

² Site que permite criação e busca de *playlist* através de *tags* (marcações). Disponível em: <<http://8tracks.com/>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

³ Rede social que, além de permitir a classificação através de *tags*, *puxa dados de músicas que o usuário ouviu em outras plataformas e elabora uma série de estatísticas*. Disponível em: <<http://www.lastfm.com.br>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

⁴ Formato mais popular de músicas para ouvir on-line ou fazer download.

⁵ No original: “8tracks believes handcrafted music programming trumps algorithms. Think radio in the 1970s, mixtapes in the 1980s, and DJ culture of the 1990s through today. DJs share their talent in taste making, providing exposure for artists. Listeners get a unique blend of word-of-mouth sharing and radio programming – long the trusted means for music discovery – on a global scale.”

Enquanto no 8tracks as pessoas criam suas listas, com no mínimo oito faixas, através do upload de arquivos de mp3, o Last.fm recomenda aos usuários o que ouvir a partir da execução de uma biblioteca pré-existente, ou seja, quanto mais se usa, mais o programa recomenda. Este segundo site exige o download e instalação de um aplicativo que puxa as informações da fonte musical para análise dos algoritmos. Ele também gera gráficos baseados na escuta, onde os usuários podem ter um controle do que escutam e como escutam.

A experiência de controle oferecida pelo Last.fm, como será visto adiante, se estende, permitindo ao usuário definir suas amizades através do grau de compatibilidade musical. O 8tracks não dispõe disso, mas estabelece a conexão entre pessoas através do mecanismo de busca, que incentiva a procura pelo gosto em comum. Ele também permite que as *playlists* sejam curtidas e avaliadas pelos usuários, quanto mais status positivo elas têm, mais elas subirão nas buscas, aparecendo entre os primeiros resultados.

Mas nada disso funciona sem o elemento humano. Como coloca Littlejohn (1982, p. 66) “[...] a pessoa tem a sociedade em si mesma”, pois é a troca de informações entre os seres, através das linguagens, que faz com que estes internalizem processos sociais. No interacionismo simbólico, o ator define a situação que vai interagir, e o seu eu será constituído a partir das definições sociais e pessoais pré-existentes (LITTLEJOHN, 1982). A pessoa entra na rede social com uma bagagem cultural e molda esta bagagem de acordo com o que vai encontrando neste espaço, adaptando o espaço em si e o seu eu aos que pertencem ao espaço.

Este é um exemplo de uso consciente de simbologias, comportamento que só pode ser encontrado no ser humano que vive em sociedade, porque apenas o homem tem a capacidade de receber e interpretar signos. “Em virtude de nossa capacidade para vocalizar símbolos significantes, podemos literalmente ouvir-nos e, assim, responder a nós próprios como os outros nos respondem” (LITTLEJOHN, 1982, p. 70). Essa organização social exige consenso entre os seus participantes, ou seja,

é preciso compreender um conjunto de signos já pré-determinados para fazer parte do convívio social.

As playlists e as redes sociais que envolvem o mundo da música exemplificam bem o que colocou Littlejohn (1982) sobre o comportamento social. Os sites exigem um nível avançado de conhecimento, não só de informática, como também cultural, afinal, boa parte das categorias criadas pelos próprios usuários são embasadas em fases da história da música, em tipos de instrumentos, em culturas sociais, tribos, e movimentos, entre outras coisas.

8tracks

O website 8tracks foi idealizado em 1999, pelo seu fundador, David Porter. Estudante de negócios, Porter visualizava um programa que fosse uma rede social orientada através da música.⁶ No entanto, a página só foi oficializada em 2006, e lançada em 8 de agosto de 2008 (8TRACKS, 2014). Porter se embasou em no primeiro programa popular de download de músicas, o Napster.⁷ Apesar do 8tracks não trabalhar com estatísticas, como faz o Last.fm, ele mostra o número de vezes que determinada lista foi ouvida, quantas pessoas gostaram dela, qual o tempo de duração e também oferece o serviço de recomendação baseado em algoritmos através do *tagging* (Cf. Fig. 1).

⁶ Em inglês: *music-oriented social network*.

⁷ Primeiro programa de compartilhamento de arquivos mp3 on-line, criado pelos americanos Shawn Fanning e Sean Parker, em 1999. Também foi pioneiro na luta jurídica entre a indústria fonográfica e as redes de compartilhamento de música na Internet. Disponível em: <<http://br.napster.com/start>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

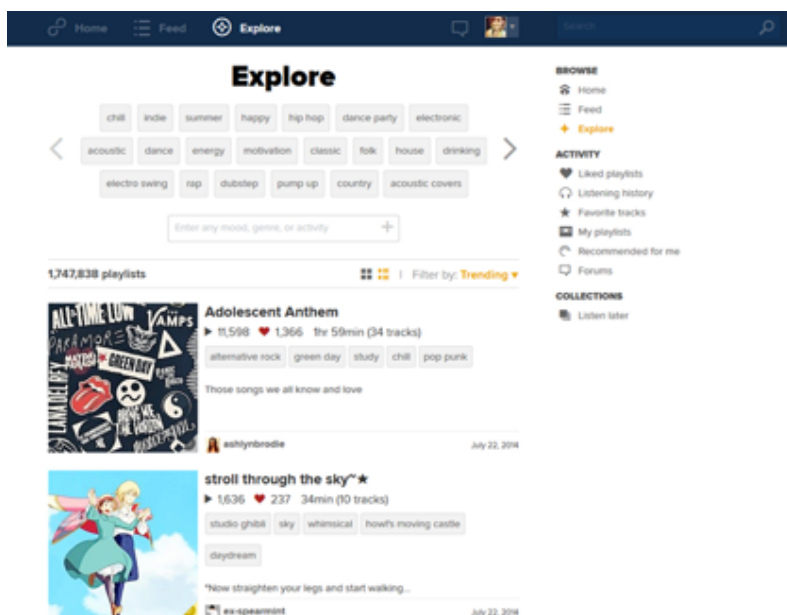


Figura 1. Página de Explore do 8tracks.

Como coloca a própria página do 8tracks (2014), um dos principais objetivos é disseminar a cultura do DJ.⁸ Isso fica evidente na disposição e diagramação das *playlists*. Após realizar um cadastro, que pode ou não ser associado ao Facebook, o ouvinte tem acesso as listas de outras pessoas na rede. Com isso, existe a possibilidade de apenas ouvir um acervo, ou curti-lo e guarda-lo para ouvir novamente. O 8tracks trabalha muito com social tagging (Cf. Fig. 1), rótulos que facilitam a busca, ou como colocam Amaral e Aquino (2008, p. 1-2): “A prática dos tags surge como uma alternativa de gerenciamento de informação no momento em que permite a qualquer usuário da web representar e recuperar informações

⁸ DJ, de *Disk Joquey*, *aquele que apresenta e toca músicas gravadas, geralmente em um evento*. Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/disc+jockey>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

através de etiquetas criadas livremente e com base nos significados etiquetados.”

O site não tem seus dados oficiais divulgados, portanto, não há como saber sua abrangência, no entanto, a empresa norte-americana comScore fez um levantamento recente, com jovens entre 18 e 34 anos, sobre música digital, e descobriu que quase dois milhões de internautas utilizavam o 8tracks diariamente.⁹ Ele concorre diretamente com o Last.fm, o outro objeto deste estudo (Cf. Fig. 2). Este ano, o site atingiu o marco de oito milhões de acessos mensais.¹⁰

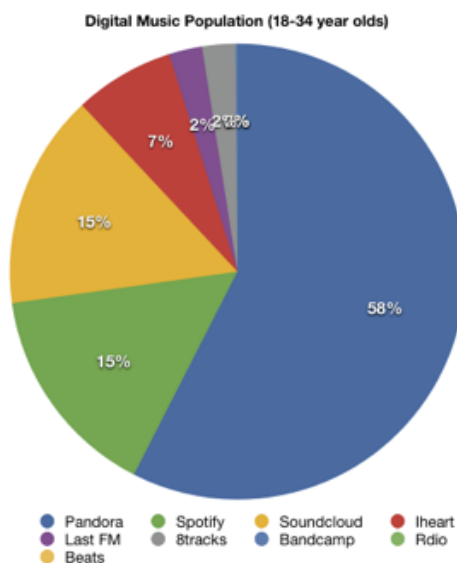


Figura 2. Infográfico dos principais *music players* digitais.

⁹ A pesquisa foi divulgada em maio deste ano, no site The Next Web. Disponível em: <<http://thenextweb.com/apps/2014/05/08/8tracks-releases-major-ios-overhaul-prepares-take-musics-big-players/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

¹⁰ Foram contabilizadas 30 milhões de horas de músicas ouvidas em um único mês, em fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://techcrunch.com/2014/02/27/8tracks-reaches-8-million-monthly-active-users-launches-xbox-360-app/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

O nome do site, 8tracks, também não foi escolhido à toa. Em inglês, a expressão *eight-track tape* se refere a um cartucho de fita magnética usado, antigamente, para gravar e reproduzir sons (Cf. Fig. 3).¹¹



Figura 3. Fita eight-track.

Last.fm

O Last.fm funciona através do método de *scrobbling*¹² (Cf. Fig. 4), ou seja, é preciso baixar e instalar o programa do site em um dispositivo, móvel ou não, para que funcione. Com ele, é possível ter um controle do seu

¹¹ Antecessor da fita cassette. Disponível em: <<http://dictionary.reference.com/browse/8+track+tape>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

¹² Criado há 12 anos por Richard Jones, *scrobble* é o método de rastreamento das músicas tocadas em diversos dispositivos para que, a partir disso, seja feita a recomendação musical. Disponível em: <<http://www.wired.com/2012/11/richard-jones-scrobbling/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

próprio gosto musical (Cf. Fig. 5), vendo estatísticas geradas a curto e longo prazo. Idealizado e desenvolvido por Richard Jones, o site foi um projeto da University of Southampton School of Electronics and Computer Science, no Reino Unido, e, nestes 12 anos que está no mercado, já contabilizou 43 milhões de scrobbles no mundo todo (LAST.FM, 2014).

The screenshot shows the Last.fm profile of a user named 'naiped'. The header is red with the Last.fm logo and navigation links: 'Músicas', 'Ouvir', 'Eventos', and 'Tabelas'. The user's profile section includes a profile picture, name 'naiped', and a bio for Deborah Cattani, 25, Feminino, Brasil. It lists 263 faixas preferidas, 0 Posts, 1 Lista, and 25 mensagens. Below this is a section titled 'Últimas faixas' showing a list of tracks with play buttons and duration. The tracks are: 'The Naked and Famous - Hearts Like Ours', 'Passion Pit - Swimming in the Flood', 'Toto - I Wanna Love a Girl', 'Mike Snow - Animal', 'Empire of the Sun - Alive', and 'Atlas Genius - Trogans'. On the right side, there is a large blue advertisement for 'NET O MUNDO É DÓIS NETS' with the text 'ASSINE JÁ' and contact information. Below the ad is a section titled 'Atividade recente' showing a list of recent listens with play buttons and duration.

Figura 4. Perfil do Last.fm recebendo scrobbling do Spotify.

Em 2007, o Last.fm foi vendido para a Columbia Broadcasting System (CBS), por 280 milhões de dólares (Idem, 2014). O site movimenta uma série de downloads pagos de mp3, garantindo um faturamento alto, apesar da pirataria. Além disso, o usuário pode optar pela versão paga, onde ele recebe um assessoramento na questão da recomendação musical, tem mais acesso a estatísticas e pode fazer downloads gratuitos.

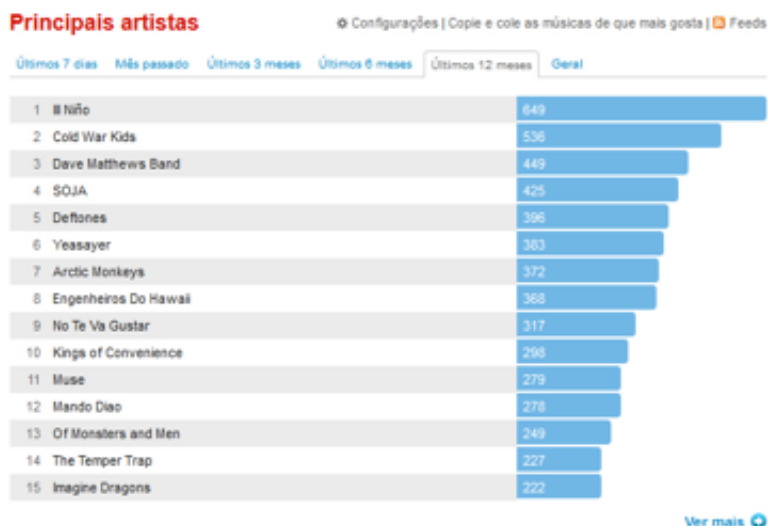


Figura 5. Estatísticas geradas no perfil pessoal de usuário do Last.fm.

Um fator interessante no Last.fm, que o diferencia dos outros sites de *scrobbling*, é a rede social inserida nele. É importante lembrar que se pode ter Last.fm dentro do Spotify, do próprio 8tracks, mas o contrário não acontece. E, apesar disso, as pessoas acessam seus perfis no site para fazer o controle das estatísticas e para checar as estatísticas dos outros internautas. É o que coloca Maffesoli (2006) sobre a dominância na pós-modernidade. O controle fica cada vez mais vital, pois há uma necessidade de posse, mas não há maneira de possuir e absorver tudo. Com isso, é evidente a criação de métodos de organização, levando o usuário a absorver apenas o que realmente lhe interessa e desapossar-se do restante de informação que paira nos ambientes virtuais.

Enfim, o fato de dominarmos menos do que somos dominados ocorre em todas as áreas. Seria um processo de desapossar-se, desapossar-se do si, levando de certa maneira a ser possuído pelo outro. O outro que é o outro do grupo – e existem muitos exemplos dessa posse pelo outro do grupo –, mas também ser

possuído pelos objetos que se acredita possuir. Deste ponto de vista, o desenvolvimento tecnológico está aí para nos indicar, de certa maneira, não mais a lógica do domínio, não mais a lógica da dominação, não mais a economia do mundo e a economia em si – tomemos este termo em seu sentido simples: economizar, aprender a economizar seus humores, e sendo assim, aprender a economizar o mundo –, mas um processo de posse (MAFFESOLI, 2006, p. 32-33).

O Last.fm criou o *grau de compatibilidade musical*, ou seja, algoritmos medem, através da biblioteca dos membros da rede, o quão compatíveis são os gostos musicais. Assim, a decisão de fazer parte da rede de outro usuário passa a ser embasada também neste fator, rompendo com a realidade do inesperado, pois o grau de compatibilidade musical esmiúça inclusive as bandas e músicas ouvidas por ambas as pessoas que se checam (Cf. Fig. 6). Ainda no que diz Maffesoli (2006, p. 30), este processo é um reflexo do substancialismo e da vitalidade em definir-se alguém/algo:

Substantivou-se o ser: ser alguém, ser alguma coisa, ser isto ou aquilo. É isto que chamo de substancialismo, ou seja, o que faz com que, através do processo educativo, devamos adquirir uma identidade num dado momento. É importante notar que o pivô da identidade, a lógica da identidade, que vai constituir a partir daí toda a sociedade.



Figura 6. Grau de compatibilidade musical.

Pesquisa e metodologia

Para compreender a interligação, que os sites apontados acima proporcionam pelo mundo, foi feita uma pesquisa on-line, com perguntas fechadas e abertas, contabilizando 50 questionários preenchidos. O formulário continha as seguintes perguntas:

1. Qual a sua idade?
2. Onde você mora? (Cidade e Estado)
3. Você é: Mulher, homem ou outro.
4. Qual a sua profissão?
5. Onde você costuma escutar música on-line? Marque todos os dispositivos que você utiliza: Navegador (Explorer, Chrome, Firefox...), celular, tablet, outro.

6. Você utiliza alguma das redes abaixo? Tanto faz se em aplicativo ou via web, marque as que você utiliza. Se você acessa outra rede no mesmo estilo, que não está na lista, diga qual em “outro”. Last.fm, Rdio, Spotify, 8 tracks, Youtube, Grooveshark ou outro.
7. Com que frequência você acessa as redes acima? Todos os dias, três vezes por semana, duas vezes por semana, uma vez por mês, aleatoriamente ao longo do ano ou nunca.
8. Você se conecta com seus amigos nessas redes? Sim ou não.
9. Qual o principal motivo que faz você acessar essas redes? Conhecer músicas e bandas novas, ver o que os outros estão escutando, criar e difundir minhas próprias playlists, me relacionar com os meus amigos, acompanhar as estatísticas do que você escuta ou outro.
10. Qual a rede que você mais gosta e por quê?

Foi escolhida a técnica de entrevista/questionário neste cenário, uma vez que o seu objetivo está relacionado “ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema” (BARROS; DUARTE, 2006, p.63). Além disso, a observação participante se fez fundamental, afinal, como coloca Amaro (2004, p. 1), “o método da pesquisa de terreno, nomeadamente da observação participante, supõe a presença prolongada do jornalista-investigador nos contextos sociais em estudo e contacto directo com as pessoas e situações”.

Na pesquisa, executada em julho de 2014, os respondentes são em maioria homens, sendo 39% mulheres e 4% outros gêneros. Mais da metade dos internautas se situa na casa dos vinte anos de idade, porém a média geral ficou entre 18 e 50 anos. As profissões que mais se destacaram foram as de professores, jornalistas, programadores e outras ligadas à comunicação e ao uso das redes sociais e novas tecnologias.

Apesar do constante crescimento na venda de *tablets* e celulares, 48% dos entrevistados afirmaram ouvir música diretamente no navegador do computador (Cf. Fig. 7). O motivo de conexão com a rede com maior número de respostas foi “conhecer músicas e bandas novas”, com 52%. O Youtube foi a rede social mais citada, apenas dois afirmaram utilizar 8tracks, e 14% o Last.fm. E 56% apontaram a conexão com amigos importante na plataforma utilizada e 8% se disseram satisfeitos em acompanhar suas estatísticas.

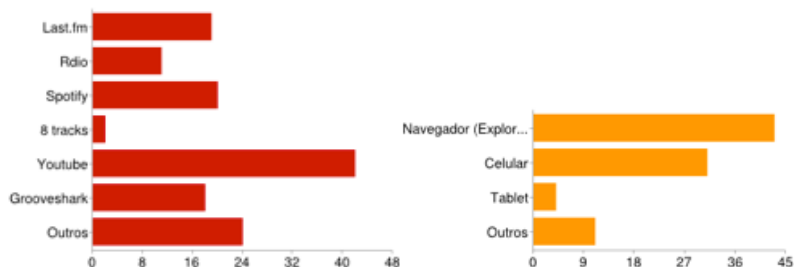


Figura 7 Gráficos da pesquisa: redes e plataformas mais utilizadas, respectivamente

A décima questão, que indagava qual a rede favorita e porque, obteve respostas variadas, mas com algumas familiaridades em comum, como internautas observando que fazem uso de duas ou mais redes ao mesmo tempo. A exemplo disso, o formulário 41 obteve como resposta o seguinte: “Last.fm e Spotify. O primeiro pelas estatísticas e pela sugestão de artistas relacionados. O segundo por ser o serviço de streaming de música que mais gostei (organização, bastante música disponível, gratuidade, etc).”

Mesmo enfatizando a gratuidade, este não é um fator decisivo na escolha da plataforma. O formulário 3 é um de muitos que admite o pagamento por um serviço com qualidade superior: “Rdio. A interface é muito intuitiva e está sempre atualizada com novidades e têm opção

de uma espécie de *shuffle adventurous*¹³, em que é sempre possível conhecer bandas novas [...]. Além disso, o pagamento em reais e dentro da fatura da minha operadora de celular é outro dos motivos que me levaram a pagar pelo serviço.” Já a longevidade na rede social implica um fator de permanência, como no formulário 6: “Last.fm, talvez por ser a que eu tenho perfil há mais tempo, pelas recomendações musicais feitas a partir do que escuto.”

Conclusão

Os algoritmos criam caminhos inusitados e sedutores nas plataformas digitais de música. As redes sociais que gerenciam *playlists* são procuradas por inúmeros motivos, principalmente para compartilhamento de gostos e expectativas em relação a bandas e estilos. Apesar da queixa comum sobre os trajetos pré-dispostos, poucas pessoas buscam serviços como o 8tracks, mais próximo do saudosismo das mixtapes e que não oferece recomendação pós-embasada. Sites como Last.fm não são utilizados só para fins de controle, como imaginado, pessoas que estão nesta rede há muito tempo tendem a permanecer, com o mesmo hábito do passado.

Amizades podem mesmo nascer e morrer através da compatibilidade do gosto musical e isso é algo inusitado nas redes sociais. Pessoas buscam a música por diversos motivos já conhecidos, como relaxar, se expressar e conhecer um novo universo. Mas cada vez mais elas utilizam redes sociais onde a música está em segundo plano, para se comunicar, logo, ouvir, curtir e compartilhar também evidencia um novo comportamento de um novo mundo que surge por trás das telas. Com as plataformas móveis e a evolução da tecnologia, o inverso ocorre e a rede sai do

¹³ Expressão utilizada para indicar um modo aleatório onde o programa puxa bandas relacionadas com o que já foi ouvido anteriormente.

on-line para o off-line, possibilitando um nível conexão mesmo quando desconectado.

Esse sentimento de pertença e controle também favorece a proximidade da sociedade com seus ídolos musicais. Como denota Littlejohn (1982), há diversos mundos de signos e signos por criar e desvendar. Novas linguagens surgem dentro das redes, novas gramáticas e vocábulos que excluem quem não pertence a este universo. Ouvir música fora destas plataformas é outra cultura que já se difere a longa distância dos novos modos do pós-modernismo. Sites como o 8tracks podem até oferecer a falsa sensação de regressão, no entanto também abrigam processos da técnica atual.

Referências

- 8TRACKS. Disponível em: <<http://8tracks.com/>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- AMARAL, Adriana; AQUINO, Maria Clara. Práticas de folksonomia e social tagging no Last.fm. *Anais do IHC VIII*, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.inf.pucrs.br/ihc2008/pt-br/assets/files/Praticas_Folksonomia_Social_Tagging_Lastfm.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2014.
- AMARO, Vanessa Fernandes. *Vivendo na pele do outro: A observação participante para desvendar a favela da Rocinha, no Brasil*. Lisboa: BOCC, 2004.
- BARROS, Antônio (org.); DUARTE, Jorge. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005.
- CHBOSKY, Stephen. *The perks of being a wallflower*. New York: Gallery Books, 2012.
- LAST.FM. Disponível em: <<http://www.lastfm.com.br>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- LITTLEJOHN, Stephen W. Interacionismo simbólico. *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 65-86.
- MAFFESOLI, Michel. *O retorno das emoções sociais*.
- MACHADO DA SILVA, Juremir; SCHULER, Fernando (Orgs.). *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2006.